

CEP – Centro de Estudos Psicanalíticos

As técnicas sugeridas por Freud e o mito do Procusto: possíveis reflexões

Viviane dos Santos Gonçalves Ribeiro

Ciclo V - 4ª feira: 18h

São Paulo

1º semestre – 2016

O caminho: construção que vai se delineando “pedra após pedra”

A elaboração deste trabalho me parece vir de encontro com o processo experimentado por mim e acredito que por alguns colegas de sala, após compartilhamento de ideias e de angústias, como sempre me parece acontecer nossas inquietações. Estamos caminhando para a “etapa final” deste período em que nós, alunos, nos comprometemos lá no início, quando o nosso desejo era conhecer, saber mais sobre a tal da Psicanálise. Hoje o nosso compromisso também caminhou....não é mais agora só em conhecer mais sobre a Psicanálise, é poder exercer-la da melhor forma que conseguirmos em prol do nosso paciente.

As palavras acima - “etapa final” - colocadas entre aspas, pois tenho a certeza a cada segundo que passa que este conhecimento é inesgotável, estaremos sempre em busca de algo a mais, a bendita tão discutida e problematizada durante este curso: a *falta*, e esta falta relacionada a possibilidade do desejo, de desejar.

Apesar de estar caminhando para o término deste curso, ainda me sinto “arriscando” nas minhas construções e articulações. Já neste momento, fundamentar de maneira tão automática este conceito de falta, citado acima, justamente com a questão da castração, porém o meu superego atuante, me fez, cautelosamente, buscar o alicerce teórico no dicionário de Psicanálise e que felizmente, me deparei com a seguinte citação:

“Para Lacan:
(...)Porém, a castração não se refere apenas ao sujeito, refere-se também, e primeiramente, ao Outro, e é nisso que

ela instaura uma *falta simbólica*¹. Como já foi dito antes, ela é primeiro apreendida imaginariamente como sendo a da mãe. Contudo, o sujeito deve simbolizar a falta da mãe, isto é, reconhecer que não existe no Outro garantia à qual ele próprio possa se prender. Fobia, neurose e perversão são outras tantas formas de se defender dessa falta. (...) Ao contrário, a assunção da castração é a da “falta que cria o desejo”, um desejo que deixa de ser submetido ao ideal paterno.” (Chemama, 1995)

Assumindo esta falta e continuando a reflexão proposta neste trabalho, o caminho do semestre até este momento, foi percorrido por discussões acerca dos textos do Freud sobre a técnica sugerida por ele. E foi interessante perceber nos discursos dos analistas que vinham discutir com a sala os textos, a alegria em poder se falar sobre este tema.

Por algumas repetições ocorridas, falas como, por exemplo, “é difícil falarmos tão diretamente sobre a técnica como acontece nestes textos” se tornaram, na minha percepção, bastante recorrentes e isto me chamava a atenção. Não saberia explicar aqui o motivo desta minha percepção, porém associando ao tema escolhido por mim, penso que possa estar ligado a esta busca em se conhecer os limites e as possibilidades, assim como se pensarmos sobre a cama do mito Procusto. Ou seja, a busca pelo referencial, pelo certo, pela fórmula mágica hoje tão desejada por todos....talvez fosse isso que me surpreendia nestas falas? A aproximação a esta possibilidade e assim, a diminuição da angústia que o processo de não saber possa fomentar? Enfim, não sei.

Textos lidos como “Sobre a Psicoterapia”, “Sobre o início do tratamento”, “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise, “ A Dinâmica da Transferência” entre outros, foram bastante discutidos e analisados em sala de aula por mim e pelos meus colegas. Percebo que este semestre, foi um dos

¹ Grifo particular da autora do trabalho

semestres que eu, por exemplo, mais consegui seguir a leitura dos textos, pode ser coincidentemente por estar com mais tempo livre para me dedicar a leitura ou não, não é? Talvez alguma questão inconsciente ligado ao desejo de querer saber mais e talvez suportar menos a falta em não saber? E aí justamente com textos que nos aproximam mais com o “como fazer”? Se bem que notamos que são esclarecimentos, orientações e sugestões e não chegam nem perto sobre as tão desejadas socialmente receitas de bolo.

Outro ponto interessante percebido por mim e pela sala nestes textos foi em alguns momentos em que Freud sugeria fazer de determinada maneira, mas que ele próprio não parecia cumprir o que sugeria em alguns pequenos detalhes. Isto me instigava um pouco, sobre a questão do “como é fazer o que eu falo, mas não fazer o que eu faço?”. Era possível notar isso em passagens como estas separadas abaixo:

“(b) Não posso aconselhar a tomada de notas integrais, a manutenção de um registro estenográfico etc, durante as sessões analíticas. (...) Quanto aos exemplos, anoto-os, de memória, à noite, após o trabalho se encerrar; quanto aos textos de sonhos a que dou importância, faço o paciente repeti-los, após havê-los relatado, de maneira a que eu possa fixá-los na mente.” (Freud, 1912)

“(d) (...) Não é bom trabalhar cientificamente num caso enquanto o tratamento ainda está continuando – reunir sua estrutura, tentar predizer seu progresso futuro e obter, de tempos em tempo, um quadro do estado atual das coisas, como o interesse científico exigiria. Casos que são dedicados, desde o princípio, a propósitos científicos, e assim tratados, sofrem em seu resultado; enquanto os casos mais bem sucedidos são aqueles em que se avança, por assim dizer, sem qualquer intuito em vista, em que se permite ser tomado de surpresa por qualquer nova reviravolta neles, e sempre se o enfrenta com liberalidade, sem quaisquer pressuposições.” (Freud, 1912)

Nos deparamos em alguns outros relatos do Freud, em que ficava claro que fazia anotações durante determinadas sessões ou mesmo que tinha um

objetivo científico também ao tratar os seus pacientes. Isto foi algo que a classe juntamente com os analistas durante o semestre, sempre repetia nas discussões. Não quero aqui, de forma alguma fazer com que tenha um peso destrutivo relacionado a estas críticas, porém ressaltar mais uma vez a importância em nos questionarmos sempre nas situações. Não perdermos a possibilidade de se questionar, mesmo que venha ser o renomado e respeitado pai da Psicanálise.

Lembro-me dos argumentos utilizados pelos alunos para justificar estas questões em sala, e um que sempre aparecia era o fato do Freud estar testado e criando esta teoria na época. O que me faz pensar mais uma vez sobre este trabalho e o tema escolhido, ou seja, o caminho como sendo a construção possível através da colocação de uma pedra por vez, e não a forma pronta do “faça assim”, isto ele deixou bem claro, e por isso é possível notar nos títulos e nos textos repetições das palavras como “recomendações”, ou “sugiro”, o que reflete o cuidado dele em sempre estar atento sobre a forma como colocava suas percepções e a preocupação em que não fosse engessada a teoria.

Nestes textos², todos sobre a prática clínica, Freud explica a importância de diversos conceitos fundamentais para que ocorra a análise, como por exemplo, a atenção flutuante, que irá nos auxiliar em manter a nossa escuta mais próxima ao paciente, se assim posso dizer. Ele nos orienta sobre isso quando nos escreve nesta passagem no texto “Recomendações aos médicos que exercem a Psicanálise”:

² “Sobre a Psicoterapia”, “Sobre o início do tratamento”, “Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise”, “A dinâmica da transferência”, “Recordar, Repetir e Elaborar” e “Observações sobre o amor transferencial”.

“A técnica, contudo, é muito simples. Como se verá, ela rejeita o emprego de qualquer expediente especial (mesmo de tomar notas). Consiste simplesmente em não dirigir o reparo para algo específico e em manter a mesma “atenção uniformemente suspensa” (como a denominei) em face de tudo o que se escuta. Desta maneira, poupamos de esforço violento nossa atenção, a qual, de qualquer modo, não poderia ser mantida por várias horas diariamente, e evitamos um perigo que é inseparável do exercício da atenção deliberada. Pois assim que alguém deliberadamente concentra bastante a atenção, começa a selecionar o material que lhe é apresentado, um ponto fixa-se-á em sua mente com clareza particular e algum outro será, correspondentemente, negligenciado, e ao fazer essa seleção, estará seguindo suas expectativas e inclinações” (Freud, 1912)

E eu poderia discorrer sobre cada um desses conceitos, ou na verdade, escolher um deles e me aprofundar, pois assim já seria possível a construção de um trabalho inteiro e completo, porém optei em talvez exercitar um pouco desta atenção flutuante e desta escuta analítica na construção deste trabalho ao apresentar estas minhas reflexões.

Diante disto, a cautela do Freud que parece tão presente em todos esses textos estudados nesse semestre, me faz pensar sobre a sociedade atual em que manifesta uma demanda muito intensa em ter sempre manuais sobre como fazer e a necessidade de encaixar a situação nestes manuais ou as “receitas de bolo”, como brincamos no vocabulário mais simples. E esta reflexão me faz recordar sobre o mito do Procusto como uma forma ilustrativa desta demanda.

O Mito do Procusto, um mito porém uma demanda tão atual

Contarei aqui um pouco sobre o mito para aqueles que até o momento não tiveram a oportunidade de conhecê-lo e assim, conseguir se contextualizar nesta minha proposta.

“Procusto, era filho de Netuno, que postado entre duas colinas gregas, parava os viajantes e, depois de pilhá-los, castigava-os, estendendo-os sobre uma cama nunca do tamanho do corpo dos infelizes. Tomando sempre a cama como medida exata, acabava implacavelmente ou decepando-lhes as pernas ou esticando-as com cordas e marteladas até a todos ajustar à sua cama, e essas eram invariavelmente ou mais compridas ou mais curtas.

Continuou seu reinado de terror até que foi capturado pelo herói ateniense Teseu que, em sua última aventura, prendeu Procusto lateralmente em sua própria cama e cortou-lhe a cabeça e os pés, aplicando-lhe o mesmo suplício que infligia aos seus hóspedes.” (Calligaris, 2011)

Segundo Calligaris (2011), Procusto personifica o rigor e a exatidão absolutos, o descompromisso radical com a verdade e a justiça, valendo-se da exatidão de sua medida ou, numa linguagem mais contemporânea, de seu “cientificismo” para fazer valer o que já está decidido. Nesses casos, a avaliação não passa de um pretexto para legitimar a arbitrariedade e a injustiça.

Esta associação sobre a forma como Freud vai apresentando sua teoria, com suas sugestões e recomendações é justamente entender que não há uma

cama como o Procusto acreditava ter e fazia que tivesse (a verdade dele e aqui, sinalizo a importância da cautela que o analista necessita ter em não acreditar que tenha também as suas próprias camas).

Segundo Calligaris, Procusto não permitia e nem aceitava a flexibilidade necessária quando nós pensamos em seres humanos, ou posso dizer de uma melhor maneira, inclusive partindo de uma visão psicanalítica, ao se falar do SUJEITO.

Partindo do pressuposto que cada sujeito é composto por sua subjetividade e particularidade, fica inviável pensarmos nesta cama do Procusto. Evidentemente que eu aqui não estou dizendo, portanto, que cada um deve fazer do seu jeito e de como achar que deve. Não, não é isso....

Proponho na verdade, uma crítica a nossa sociedade, que julgo buscar uma posição como a do Procusto, no qual acreditava que bastava colocar os sujeitos nas camas, e tudo se “resolvia”. Reforço e retomo o cuidado que Freud teve no sec XX, através dos seus textos de 1900, em que se faz necessário compreender o embasamento teórico, ou seja, compreender os conceitos que fundamentam a teoria psicanalítica, como a transferência, a escuta analítica, a atenção flutuante, a neutralidade do analista...enfim, todos eles, e perceber como podemos com cada sujeito, a cada encontro, percebe-los presentes ali, naquele encontro e saber o que fazer com ele, com o que nos diz.

Penso que talvez seja a crescente impossibilidade do ser humano em conseguir lidar com a impotência e a falta inerente ao processo da vida e por isso esta busca desfreada por fórmulas prontas e mágicas.

É importante que o analista se dê conta que este aprendizado, este caminho (ou seja, a sua própria construção) ocorrerá de um jeito e de uma

forma, a cada contato com o seu paciente será um encontro, um novo encontro.... como diria Jung:

“Conheça todas as teorias, domine todas as técnicas, mas ao tocar uma alma humana, seja apenas outra alma humana” (Carl Jung)

Referências bibliográficas

- Calligaris, C.* (2011). Uma outra maneira de dar o peito. Página EB d
Folha Ilustrada do dia 01/02/20001. São Paulo;
- Chemama, R.* (1995). Dicionário de psicanálise - Larousse. Porto Alegre:
Artes Médicas.
- Freud, S.* (1905). Sobre Psicoterapia. In: Obras Completas de Sigmund
Freud – Vol VII. Rio de Janeiro: Imago (1998).
- Freud, S.* (1913). Sobre o início do tratamento. In: Obras Completas de
Sigmund Freud– Vol XII. Rio de Janeiro: Imago (1998).
- Freud, S.* (1912). Recomendações aos Médicos que exercem a
psicanálise. In: Obras Completas de Sigmund Freud– Vol XII. Rio
de Janeiro: Imago (1998).
- Freud, S.* (1912). A Dinâmica da Transferência. In: Obras Completas de
Sigmund Freud– Vol XII. Rio de Janeiro: Imago (1998).
- Freud, S.* (1914). Recordar, Repetir e Elaborar. In: Obras Completas de
Sigmund Freud– Vol XII. Rio de Janeiro: Imago (1998).
- Freud, S.* (1915). Observações sobre o amor transferencial. In: Obras
Completas de Sigmund Freud– Vol XII. Rio de Janeiro: Imago
(1998).